

## A GERAÇÃO DE 70 E AS CONFERÊNCIAS DO CASINO DE 1871

### *The 70's generation and the 1871 Casino Conferences*

RODRIGUES, João Bartolomeu<sup>1</sup>, MORAIS, Ana Gabriela Estácio<sup>2</sup>, & MOREIRA, Sara P. Santos<sup>3</sup>

#### **Resumo**

A importância e legado deixado pelas Conferências do Casino organizadas pela Geração de 70 em 1871 foi, e continua a ser fundamental quando abordado qualquer tipo de movimento intelectual, que originou e impulsionou uma mudança e reflexão sobre a história, sociedade e cultura portuguesa. O propósito deste estudo é expor o contexto histórico e antecedentes que levaram ao surgimento das conferências, e continuamente abordá-las de uma maneira mais detalhada, assim como referir os acontecimentos que levaram à sua suspensão, a mudança da dinâmica que resultou nas mentes portuguesas, tal como a divisão que surgiu entre a nova geração de intelectuais e escritores, conhecida como Geração de 70, e as mentes mais conservadoras do ambiente social e político português.

#### **Abstract**

The importance and legacy by the Casino Conferences organized by the Generation of '70 in 1871 was, and continues to be, fundamental when we talk about any type of intellectual movement which originated a change and reflection on Portuguese history, society and culture. This paper aims to out the historical context and background that led to the emergence of the conferences and then address them in more detail. Subsequently, we will refer to the events that led to their suspension and the dynamic change that resulted in Portuguese minds, such as the division that emerged between the new generation of intellectuals and writers, known as the Generation of '70, and the more conservative minds of the Portuguese social and political environment.

**Palavras-Chave:** Geração de 70; Conferências do Casino; Movimento Intelectual.

**Keywords:** 70's Generation; Casino Conferences; Intellectual Movement.

**Data de submissão:** março de 2020 | **Data de Publicação:** setembro de 2021.

---

<sup>1</sup> JOÃO BARTOLOMEU RODRIGUES - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade & UTAD, PORTUGAL. E-mail: [jbarto@utad.pt](mailto:jbarto@utad.pt)

<sup>2</sup> ANA G. ESTÁQUIO MORAIS – UTAD, PORTUGAL. E-Mail: [anagabrielaestaquiomoraes@gmail.com](mailto:anagabrielaestaquiomoraes@gmail.com)

<sup>3</sup> SARA PATRÍCIA S. MOREIRA – UTAD, PORTUGAL. E-mail: [samoreira2381@gmail.com](mailto:samoreira2381@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

A necessidade de evoluir politicamente, socialmente e culturalmente, e dar asas a um movimento que possa ser o primeiro passo para a desconstrução de ideias datadas e perigosas, e para a afirmação de novas perspectivas, não é algo novo. Ao longo da história, foram várias as gerações e figuras do mundo intelectual que tentaram entusiasmar mudança e progresso através da exposição pública das suas ideologias, indivíduos que numa sociedade estagnada e obsoleta, ousaram ir mais longe e pensar de uma maneira diferente. Alguns movimentos extremamente bem-sucedidos e eficazes, outros, como o da Geração de 70, e o caso particular das Conferências do Casino Lisbonense, não alcançaram as metas propostas ou proporcionaram a mudança esperada, não por falta de competência ou trabalho, mas por uma sociedade e figuras de poder que ainda não estavam à altura do desafio e preferiram apostar no seguro e comum. Conquanto, a relevância da Geração de 70 como veículo de mudança, inspiração e modelo para linhagens futuras não pode ser constatada. É factual dizer que sem o seu contributo e legado, a realidade portuguesa atual não seria o mesmo. Foram certamente, do melhor que Portugal alguma vez produziu. Consequentemente, é pertinente focarmos na história e origem desta imensa geração até ao momento das Conferências do Casino, para mais detalhadamente as podermos compreender.

### 1. A Geração de 70

A geração de 70, também conhecida como geração de Coimbra, foi um grupo de intelectuais, que em Portugal no final do século XIX, impulsionaram uma profunda revolução literária e cultural. O grupo era formado numa fase inicial por Antero Quental, conhecido como o líder e figura frente, Eça de Queirós e Oliveira Martins. Mais à frente, juntaram-se também outros nomes da cena literária do século XIX como Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão, Teófilo Braga, Jaime Batalha Reis e Guilherme de Azevedo. Estes nomes, que atualmente são reconhecidos como grandes da cultura e literatura portuguesa, estavam nos finais do século XIX, a começar a afirmar-se e dar os seus primeiros na cena política, literária e social, portuguesa e europeia. Todos muitos distintos uns dos outros, mas mensageiros de um legado comum.

Dotados de um grande espírito crítico e refletivo, os membros desta geração por terem acesso a recursos que um cidadão modelar português não tinha, notoriamente por mérito próprio, assim como por vontade de pesquisa e crescimento intelectual, e auxiliados pela emergência de novos meios de transporte ferroviários, que traziam todos os dias novidades do centro europeu, encontravam-se em contínuo contacto com a cultura europeia e as mais distintas e inovadoras correntes científicas, literárias e filosóficas. Estas novas experiências e convívio com estruturas diferentes da portuguesa, fizeram sobressair o grande atraso português em setores como a arte, filosofia e ciência, em comparação com as grandes potências europeias como a Alemanha e França. Um país, outra hora grandioso, encontrava-se agora numa situação crítica, estava estagnado e fechado em si mesmo, governado por uma burguesia capitalista e estruturas que embora agradassem aqueles em posições de topo, não era benéfica para o país como um órgão coletivo ou a sua cultura. Era necessário agir, agitar o pensamento coletivo e devolver Portugal à cultura, reconhecendo ao mesmo tempo, que esta apesar de rica e singular, tinha também que passar por um processo de remodelação.

Assim, e motivados por um profundo sentimento de inconformismo com o que observavam na sociedade portuguesa, é possível afirmar que de uma maneira consciente e com objetivos comuns em mente, os intelectuais da geração de 70 auto-propuseram a si mesmos a missão de revitalizar a sociedade portuguesa, de dar a conhecer estas novas doutrinas e ideais, e de uma forma gradual provocar uma, há muito necessária, mudança nas bases da estrutura política e social portuguesa. Pretendiam de uma forma geral aproximar Portugal da restante Europa que se inicializava na modernização, incitando os novos pensamentos culturais tais quais: o republicanismo, a democracia, o positivismo, o racionalismo ou o realismo; como uma forma de renovar o “velho” pensamento português e do romantismo desvirtuado. Esta união e partilha de ideias foi revolucionária, como comenta Álvaro Manuel Machado “houve essa convergência momentânea, esse ponto de encontro histórico decisivo, esse súbito partilhar de ideias” (Machado, 1998, p. 31) e originou o que é chamado de pensamento geracional.

Consideráramos também essencial referir que Portugal se encontrava no período da Regeneração, um período que teve como objetivo principal o desenvolvimento económico e modernização, e que é datado de 1851, subida ao poder do marechal Saldanha, até a proclamação da República, em 1910. Neste sentido, a Geração de 70 surge como uma resposta e continuação das ideias do inicial liberalismo e romantismo, de

nomes como Almeida Garrett e Alexandre Herculano, um incentivo para o regresso às raízes, em particular a literatura. Como explica Álvaro Manuel Machado “idealizavam ao mesmo tempo um Portugal que, de facto, nem existia na época em que viveram [...] nem talvez tenha existido nunca” (Machado, 1998, p.11). De facto, se nos focarmos individualmente em cada um, podemos reconhecer-lhes uma certa utopia.

Transpondo agora à fase mais pública e ativa da Geração de 70, em que são localizadas temporalmente as Conferências do Casino, era comum entre os vários membros a crença de que o estudo e investigação não eram o suficiente para causar a mudança desejada, como nota Antero: “Alem dos filósofos que indagam, há ainda no mundo uma outra classe, menos brilhante, mas mais numerosa – são os tristes que choram” (Quental, 1921, p. 22). Buscaram, portanto, propagar assim as suas ideias de uma forma mais pública e acessível, para que possam chegar aqueles “que choram”, ou seja, ao setor trabalhador português e classes sociais de menos elevação, e não apenas às elites. Isto foi essencial, pois como conta a história, em qualquer revolução, o povo é sempre o elemento-chave. Esta divulgação, acabou por ser possível, numa primeira fase através de pequenos jornais, destinados à classe operária, maioritariamente analfabeta. O primeiro foi a *República – jornal da democracia portuguesa*, seguidos da *Revista Ocidental* e *O pensamento Social*. A literatura tornou-se a maior virtude e veículo de mudança, neste campo destacam-se obras como “*Odes Modernas*” de Antero de Quental, os panfletos satíricos de Guerra Junqueiro e as obras várias obras literárias de Eça de Queiroz.

Continuamente, começaram também a ganhar voz e influência nos círculos académicos de Coimbra dos anos 60. Foi constituída uma associação secreta, titulada de *Sociedade do Raio*, criado por Antero Quental, que tinha como meta destituir o reitor da Universidade, que naquele período não partilhava ou incentivava as ideias da geração de 70. Aqui está de novo presente, o atraso na educação e pensamento português, até na instituição que mais valorizava e cultivava o conhecimento em Portugal, as ideias de Antero não eram aceites.

Mais tarde, entre 1865 e 1866, ocorreu o que hoje é considerado como uma das maiores polémicas literárias portuguesas da nossa história e antecessora das Conferências de Casino Lisbonense – a Questão de Coimbra. Este acontecimento poderia ser abordado de uma forma mais detalhada, pela sua importância e complexidade, contudo, neste trabalho será apenas usada como um ponto de referência, fornecendo apenas a informação

básica para a compreensão. A Questão de Coimbra, consistiu na crítica da literatura ultrarromântica, personificada por António Feliciano. Originou uma grande disputa a nível de ideologias de ideologias e figuras estéticas. De um lado tínhamos os mais conservadores que defendiam o *status quo* literário, ou seja, as tradições literárias formais, já existentes, como António Feliciano de Castilho. Do outro lado estava Antero de Quental, Teófilo Braga e Vieira de Castro, ou os Estudantes da Universidade de Coimbra, que defendiam a implementação do realismo na literatura, na cultura, na política, na economia nas artes e propunham uma reforma nesses temas que mostrasse a verdade diária da vida do homem. A disputa iniciou-se quando Castilho criticou a Universidade de Coimbra e a sua poesia moderna, assim como aos seus literatos. Numa carta do posfácio a que foi incutido de escrever para o “Poema da Mocidade” de Pinheiro Chagas, António Feliciano de Castilho sustenta os princípios do romantismo, e escarnece os novos ideais modernos que novos literatos como Antero de Quental e Teófilo Braga defendiam, alegando que arruinavam a beleza literária e que lhes faltava o bom senso e bom gosto. Antero viu-se na obrigação de retribuir essas palavras e, a 2 de novembro escreveu num discurso satírico e mordaz, *Bom Senso e Bom Gosto*, carta ao Ex. mo. Sr. António Feliciano de Castilho, uma obra simbólica e sublime do Realismo português. Pinheiro Chagas correu em auxílio de Castilho, escrevendo *Bom Senso e Bom Gosto* por sua vez, Teófilo Braga escreveu *Teocracias Literárias*, e novamente, Antero lançou *A Dignidade das Letras e as Literaturas Oficiais* onde desprezava as literaturas oficiais, rendosas, governamentais, em oposto, ele recomendava uma literatura ligada à inteligência, ao coração, à imaginação e aos sentidos. Como é possível observar, foram vários os intervenientes nestas questões e as ideias discutidas, contudo, o que é importante reter em contexto deste estudo, é o reconhecimento desta disputa como o início do Realismo em Portugal, e o impulso para as *Conferências do Casino Lisbonense* que ocorreram em 1871. Tendo sido apresentados os antecedentes sociais e políticos, que levaram à realização das Conferências do Casino, iremos passar a focar-nos unicamente neste acontecimento.

## **2. As Conferências do Casino de 1871**

Após um período de amadurecimento, pós Questão de Coimbra, estamos agora em 1871, e as consequências do Antigo Regime e do fim da Regeneração (1857), estão a começar a ser profundamente sentidas, na sociedade portuguesa. Apesar de promissoras

as novas leis, não foram capazes de solucionar os problemas, o país encontrava-se numa crise profunda, tanto intelectualmente, como economicamente. Era necessário atuar urgentemente, encontrar uma explicação para o estado em que nos encontrávamos e de alguma maneira propor uma solução. Foi no Cenáculo Lisboeta, um grupo que promovia tertúlias literárias e ideológicas, do qual faziam parte Antero de Quental, Eça de Queirós, Jaime Batalha Reis, Augusto Soromenho, Salomão Sáragga, Manuel Arriaga, Guerra Junqueiro, Augusto Fuschini, Germano Vieira Meireles e Guilherme de Azevedo, que primeiramente surgiu a ideia da criação das conferências. As conferências eram consideradas como uma missão pedagógica, um dever de consciência e uma tentativa de acordar as massas, há muito tempo adormecidas. Como explica Carlos Reis: “nem sempre convergentes ou harmoniosamente congraçadas, tentam ser alternativas para a apatia ideológico-social em que estagnara a Regeneração, apatia que será, por espírito de rebeldia e ânsia de renovação, uma das grandes motivações das Conferências” (Carlos Reis, 1990, p. 46). Era necessário combater, combater a indiferença e apatia, e consequentemente:

Abrir uma tribuna onde tenham voz as ideias e os trabalhos que caracterizam este movimento do século, preocupando-nos sobretudo com a transformação social, moral e política dos povos; ligar Portugal com o movimento moderno, fazendo-o assim nutrir-se dos elementos vitais de que vive a humanidade civilizada; procurar adquirir a consciência dos factos que nos rodeiam na Europa; agitar na opinião pública as grandes questões da Filosofia e da Ciência modernas; estudar as condições da transformação política, económica e religiosa da sociedade portuguesa. (A Revolução de Setembro, 18.V.1871, 1.)

As conferências, que foram no total cinco, serviriam como o palco para o debate das questões contemporâneas mais concernentes, a divulgação de novas ideias e perspectivas, com o objetivo de apelar as massas e agitar a opinião pública, despertar a sociedade da sua indiferença, educá-la e consciencializá-la. Estas estariam abertas a todo o tipo de público, independentemente do estatuto social ou económico. Este era um programa racional e humanístico, sem ligação qualquer estrutura ou ideia secular.

Temos um programa, mas não uma doutrina: somos associação, mas não igreja: isto é, liga-nos um comum espírito de racionalismo, de humanização positiva das questões morais, de independência de vistas, mas de modo nenhum impomos uns aos outros opiniões e ideias (Carta de Antero de Quental a Teófilo Braga, Lisboa, in *Obras Completas de Antero de Quental*, 1989, pp. 119-120.)

No atual estudo, iremos abordar cada uma delas, os seus autores e o que cada uma defendia.

### **3. Antero de Quental – “*O Espírito das Conferências*”**

Antero de Quental realizou a primeira conferência do dia 22 de maio do ano de 1871 no edifício do Casino Lisbonense, no n.º 10 do Largo da Abegoaria (hoje conhecido como Largo Rafael Bordalo Pinheiro), a qual nomeou de *O Espírito das Conferências*. Durante o seu discurso, assegurou a indispensabilidade de que Portugal devia ser um país aberto a uma educação geral, contestou contra a teimosia e insistência dos Portugueses em velar-se pelos velhos valores, e do seu desagrado para com a aceitação das novas ideias revolucionárias e progresso social que se abatiam sobre a Europa, a que muitos países europeus aderiam. O fundamento desta e de futuras conferências era explicar a razão dos novos conceitos e ideias eram superiores aos velhos costumes românticos. No final dessa conferência, Antero de Quental apelou a todos aqueles que o escutavam para que considerassem as suas palavras e as futuras propostas pelos seus companheiros.

### **4. Antero de Quental – “*Causas da decadência dos povos peninsulares*”**

A segunda Conferência, *Causas da decadência dos povos peninsulares*, foi também realizada por Antero de Quental dias após *O Espírito das Conferências*, este segundo discurso, mais tarde publicado em opúsculo, foi um dos textos mais influentes na cultura portuguesa durante as décadas que se seguiram. Nele, Antero mencionou três causas que acreditava serem as razões dessa decadência continua: o catolicismo que se seguiu ao Concílio de Trento, este deturpara o espírito do cristianismo, impingindo sob a sociedade Portuguesa o obscurantismo e ignorância, debilitando assim a sua perceção individual relativa às monarquias absolutas e às suas políticas centralizadas, o que por sua vez restringiu essas liberdades, tanto individuais como nacionais, e restringindo as liberdades nacionais; e por fim as políticas expansionistas ultramarinas, que não só embotavam o progresso das pequenas burguesias, como tinham criado práticas fatais e deploráveis de grandeza e passividade ociosa, que, por sua vez tinham enfraquecido as energias do país. Antero propôs também algumas soluções para combater esses erros que se abatiam ainda sobre o país:

Oponhamos ao catolicismo (...) a ardente afirmação da alma nova, a consciência livre, a contemplação directa do divino pelo humano (...), a filosofia, a ciência, e a crença no progresso, na renovação incessante da humanidade pelos recursos inesgotáveis do seu pensamento, sempre inspirado. Oponhamos à monarquia centralizada (...) a federação republicana de todos os grupos autonômicos, de todas as vontades soberanas, alargando e renovando a vida municipal (...). Finalmente, à inércia industrial oponhamos a iniciativa do trabalho livre, a indústria do povo, pelo povo, e para o povo, não dirigida e protegida pelo Estado, mas espontânea (...), organizada de uma maneira solidária e equitativa...” (Antero de Quental, «Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos», 2008).

### **5. Augusto Soromenho - “A literatura portuguesa”**

Augusto Soromenho, professor do Curso Superior de Letras, foi o orador da terceira conferência, nomeada “*A literatura portuguesa*”, onde negou a qualidade literária nacional, e criticou a falta de originalidade, e ainda que tivesse apresentado algumas exceções de grandes escritores do passado como Camões e Gil Vicente, Soromenho defendeu assim a decadência imutável da literatura portuguesa, incluindo romancistas, dramaturgos, poetas e homens da Imprensa, estes principalmente contemporâneos. Propôs, que a literatura devia passar por uma fase de reconstrução, de modo a revitalizá-la e que se devia guiar por valores universais e pelo conceito do “belo absoluto”. Para a nova geração modernista, Soromenho escolheu como arquétipo François-René de Chateaubriand, um escritor francês.

### **6. Eça de Queirós - “A Literatura Nova – o Realismo como nova expressão de Arte”**

“*A Literatura Nova – o Realismo como nova expressão de Arte*” foi o título da quarta conferência na qual o orador foi Eça de Queirós. Esta estava envolta num espírito revolucionário contra as tradições literárias, o seu discurso inspirado por Flaubert, Proudhon e Taine atraía a atenção para a necessidade de tratar a revolução literária como ocorria na revolução política, na vida social e nas ciências. Eça condenava o facto de a doutrina artística ser um proveito da sociedade ligado tanto à sua melhora como ao seu declínio, sendo esta doutrina sujeita não a motivos individuais, mas a razões constantes (como a raça e o clima) e razões incertas ou acidentais. Eça também criticou ferozmente o Romantismo, o escritor Chateaubriand, referindo enfraquecimento aristocrático, a separação crescente entre a sociedade e o artista. Eça anunciou então que o que vinha

resistir a essa decadência, era o Realismo. Para Eça de Queiroz, o Realismo tocava os marcos do moralismo, procurava a verdade e a justiça, era o retrato do homem e da sociedade, no fundo, favorecia a aspiração daqueles tempos. Para ele arte devia ter um fim moral, e ajudar a desenvolver valores de justiça, que será alcançada através da regeneração dos costumes, tendo como base o realismo. No final, usando *Madame Bovary* como exemplo, apelou para o acolhimento do Realismo e a arte que este movimento oferecia, para um destaque e reapreciação do trabalho, e para uma censura do vício

### **7. Adolfo Coelho – “A Questão do Ensino”**

A quinta conferência, *A Questão do Ensino*, proclamada por Adolfo Coelho no dia 19 de junho, marcou o fim desta saga. Foi um dos discursos mais revolucionários de entre os quatro homens, onde Adolfo Coelho proferiu sobre a questão do ensino em Portugal até ao momento e propôs uma reforma reorganizada em que sugeria a disjunção absoluta da igreja e do estado, originando assim uma liberdade de consciência mais vasta. Segundo Adolfo Coelho, a igreja nada mais fazia que não enfraquecer e suprimir o povo português, e o Estado não tinha um papel melhor na vida da sociedade portuguesa, a única solução que Coelho encontrava, era uma propagação do verdadeiro espírito científico através de uma iniciativa privada.

Tudo parecia estar a correr como planeado, centenas de pessoas assistiram a cada conferência, incluindo a de 19 de junho, e o impacto social e político começava-se a ser sentido, contudo, naquele dia algo aconteceu, que veio a mudar o rumo de todo aquele projeto.

### **8. A suspensão das Conferências do Casino**

No serão do dia 19 de Junho, sem conhecimento dos oradores, encontrava-se um comissário da polícia, que de imediato enviou um relatório alarmante ao Governador Civil provisório de Lisboa, que o fez chegar ao Ministério do Reino, o qual solicitou o comparecimento do Procurador Geral da Coroa, Martens Ferrão, que após examinar as ideias discutidas nas conferências, concluiu que as mesmas eram um perigo para a sociedade e uma ofensa à constituição, e que por isso o governo não poderia permitir que estas continuassem. Assim, a 26 de junho e confrontado com a possível próxima conferência, «Os Historiadores Críticos de Jesus», de Salomão Sáragga, o Marquês de

Ávila e Bolama, assinou a portaria que proibiu as Conferências do Casino. Refletindo atualmente, esta proibição foi claramente um ataque à liberdade de expressão coletiva e individual, e um exemplo da censura muito característica da sociedade portuguesa, que proíba aquilo que não compreendia.

Após a esta decisão inicial, foram várias as tentativas de respostas por parte dos vários membros das conferências. A primeira reação coletiva foi a tentativa de elaboração de um protesto contra a proibição das conferências, o que consideravam como um ato de censura. Este documento foi assinado por centenas de personalidades. Na mesma semana, Antero escreve uma carta-aberta ao marquês D'Ávila, seguindo-se ao longo do mês outras manifestações escritas. No seguinte dia 1, Antero e Batalha Reis remeteram um requerimento à Câmara dos Deputados, que tinha como fim denunciar a ilegalidade da proibição governamental, suportados por dois decretos, do Código Civil, um de 1866 e outro de 1870. Acusaram o governo de transpor o poder judicial, chegando ao ponto de titular o ato de proibição como um verdadeiro crime político, ao violar as liberdades de expressão e pensamento. No dia seguinte, o caso das Conferência do Casino chegava finalmente ao Parlamento. Como era normal com qualquer caso, Luís de Campos, do Partido Reformista, leu o requerimento na Câmara dos Deputados, e apesar da proibição de apresentação de petições particulares, o caso foi encarado como uma circunstância de abuso do poder executivo e judicial. Desde aí, e até ao início de setembro, o assunto foi várias vezes discutido, contudo, a intervenção parlamentar necessária nunca chegou a decorrer. Contextualizando, o governo conservador do Marquês D'Ávila, encontrava-se numa situação de grande fragilidade política. No mês de maio anterior, o marquês tinha perdido o apoio do Partido Reformista, que se juntara à oposição, juntamente ao recentemente formado Partido Constituinte. Embora tenham conseguido a dissolução das conferências e a convocação de novas eleições a 9 de julho, não foi o suficiente, e a polémica das conferências foi usada contra o seu governo. É importante relembrar, que a crítica parlamentar teve sempre como princípio, a ideia de ilegalidade, ao violar as liberdades constitucionais básicas, argumentada por Luís de Campos e pelo deputado do Partido Constituinte. O marquês D'Ávila justificou as suas ações, afirmando que se tratavam apenas de uma defesa da ordem liberal. Contudo, e apesar de esforços, os deputados e oradores das conferências nunca chegaram a um campo comum. Como escreveu José-Augusto França:

Pátria, capital e Religião são assumidos com idêntica energia pelas duas alas da representação parlamentar, com ligeiras diferenças de graduação, [...] sem que isso acarretasse, porém, separação partidária entre os agrupamentos em campo. A discussão da supressão das Conferências nas Cortes nunca poderia ser uma discussão de ideias - nem de princípios, que eram os mesmos e liberais, dos dois lados. Entre os conferencistas e os deputados, mesmo aqueles que lhes defendiam aparentemente as Conferências, havia um abismo - de usos, de costumes, de mentalidades. (José-Augusto França, *op. cit.*, pp. 61-62.)

O governo de marquês D' Ávila não resistiu à oposição e a 11 de Setembro anunciou a sua demissão. Quanto aos membros da geração de 70, apesar de nunca terem perdido o sentido de grupo, a partir do final da década de 1870, começaram a seguir caminhos individuais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No final, as propostas e soluções sugeridas pelas conferências para o melhoramento e desenvolvimento da sociedade portuguesa, nunca foram bem-sucedidas, maioritariamente por não conseguirem o suporte político necessário e pelas suas ideias serem consideradas como aludimos atualmente “à frente do tempo”. Assim, o legado da geração de 70 não foi propriamente os resultados práticos, mas sim o incentivo para uma reflexão sobre a história e sociedade portuguesa e o papel de cada indivíduo na sua transformação. Esta geração de indivíduos, pintou o caminho para os grupos de intelectuais que a seguiram, e a sua coragem, ousadia e inteligência será sempre lembrada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Reis, C. (1990). *As Conferências do Casino*. Lisboa: Publicações Alfa

Porto Editora – Conferências Democráticas do Casino Lisbonense na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$conferencias-democraticas-do-casino-lisbonens](https://www.infopedia.pt/$conferencias-democraticas-do-casino-lisbonens)

Alves, J. F. (2012). *A universidade na república: a república na universidade: a UP e a I República, 1910-1926*. Porto: Universidade do Porto.

Mónica, M. F. (2001). O Senhor Ávila e os Conferencistas do Casino. *Análise Social*, XXXV (157), 1020.

Saraiva, A. J. (1995). *A Tertúlia Ocidental: Estudos sobre Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queirós e Outros*. Lisboa, Gradiva.